



Evaristo Marzabal Neves *

Pesquisas de preços, conduzidas pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea-ESALQ/USP), dão conta de que a caixa de laranja-pêra (no pé, não colhida), que é a mais comercializada no mercado doméstico, bateu o recorde (média próxima aos R\$20 por caixa, sem custos de colheita e frete) neste ano, em comparação com todos os meses de fevereiro, desde o início do levantamento, em 1994. Já em janeiro, o valor médio foi de R\$15,68/cx, 72% maior do que o deste mês em 2005.

As previsões de alta se apóiam em fatores fundamentais de mercado, face ao desequilíbrio na balança de oferta e demanda. Enquanto houve queda de 2% na produção de laranja (2,13 milhões de toneladas), uma redução de 25% (para 417 mil toneladas) fez os estoques globais de suco concentrado se aproximarem do limite mínimo de segurança. Fica por conta da desvalorização do dólar, se a conversão em reais representa ganhos consideráveis para os agentes

econômicos da cadeia citrícola.

Esses impactos negativos estão associados com os furacões que assolaram a Flórida no 2º semestre de 2004 e 2005, e perdas na produção norte-americana e brasileira decorrentes da forte incidência de pragas e moléstias.

O suco de laranja concentrado é uma *commodity* bem previsível. No complexo da soja, há diversos países que a produzem, com destaque para EUA, Brasil e Argentina. São diversos estados brasileiros, localizados nas regiões sul, sudeste, centro-oeste, e mesmo no nordeste, com cultivo desta leguminosa. O mesmo raciocínio é válido para cana-de-açúcar, café, algodão etc.; porém, a *commodity* suco de laranja é *suigeneris*.

No mundo, a balança entre oferta e demanda por suco concentrado fica sujeita às produções localizadas na Flórida (EUA) e em São Paulo (Brasil), principalmente. Daí seu caráter de previsibilidade. Furacões que sopram e devastam a Flórida rebatem e induzem a preços crescentes no interior da

citricultura paulista; tem sido sempre assim.

A vantagem do Brasil é a de ser um grande produtor, ao redor de 35% do total, mas também um dos maiores consumidores mundiais per capita. Os EUA perdem força no fluxo corrente mundial do suco, de tal sorte que mais de 80% do suco consumido e transacionado no mundo é brasileiro. Outras *commodities* não apresentam penetração e inserção similar no mercado internacional, pois há outros países competidores com boa participação nas transações comerciais. Em 2003, enquanto o suco de laranja concentrado brasileiro participou com 82% no total transacionado mundialmente, a soja em grãos ficou com 38%; o farelo de soja, com 34%; açúcar, café e aves, com 29% cada, e, carne bovina, com 20%.

Por sua vez, a concentração da produção paulista é tão significativa, que não é encontrado comportamento igual em relação a qualquer outra *commodity* do agronegócio brasileiro.

Além desses dois eventos, vale lembrar que a competição entre São Paulo e Flórida fica cada vez mais desigual. Os furacões que assolaram a Flórida nos 2 últimos anos não vieram sozinhos. Seus fortes ventos ajudaram a disseminar o cancro cítrico para condados importantes, em termos de produção. Com a notícia do surgimento do greening em uma região da Flórida, a citricultura deste estado americano espera o ajuste de produção, que levará alguns anos. A citricultura paulista "nada de braçada" e sai sozinha lá na frente.

Tudo prometia um "céu de brigadeiro" para a citricultura brasileira, porém, neste início de 2006, dois acontecimentos vieram abalar este estágio de euforia:

- A validação e aprovação, em 8 de fevereiro último, por meio da International Trade Commission (ITC), da aplicação da tarifa *anti-dumping* ao suco brasileiro. A medida referenda a decisão do Departamento de Comércio dos EUA, de agosto 2005, e aceita a queixa da Associação dos Citricultores da Flórida, de que na safra 2003/04 a indústria brasileira disponibilizou e vendeu o suco nos Estados Unidos a um preço inferior ao seu valor de mercado, isto é, abaixo de seu custo de produção, exercendo concorrência desleal.

Nesse caso, a taxa de US\$ 418 por tonelada para o suco brasileiro adentrar os EUA permanece incólume, acrescida, com validade por três anos, de uma taxa antidumping para as indústrias brasileiras com variações que vão desde 9,73% para a Citrosuco, 19,19% para a Cutrale, 60,29% para a Montecitrus, e uma taxa média de 15,4%, para as demais exportadoras.

- A ofensiva da Secretaria de Defesa Econômica (SDE) do Ministério da Justiça, que numa megaoperação, em fins de janeiro,

realizou a apreensão de documentos, computadores e arquivos eletrônicos em escritórios das empresas Cutrale, Citrosuco, Citrovita, Coinbra e Montecitrus, sob a alegação de formação de cartel e manipulação de preços por parte destas indústrias.

Um subproduto indesejável na questão jurídica aberta pela SDE contra as indústrias de suco é a possibilidade de seu uso indevido pelos países importadores. Principalmente os EUA, maior competidor e em defesa e proteção da indústria da Flórida, poderão se valer das suspeitas para aumentar suas barreiras protecionistas contra o produto brasileiro. Uma punição sem sentença.

Independentemente do resultado, esta questão deve ficar restrita ao âmbito nacional; nada mais do que isso. Nenhuma ligação com a comercialização internacional de suco, extremamente atomizada. Basta a tarifa *anti-dumping* americana para ensinar o duro castigo recebido pelo País sem motivos reais. O Brasil deverá entrar com uma representação junto à Organização Mundial do Comércio (OMC), com ou sem comprovação.

As divergências entre os membros da cadeia de suco sempre vão existir, pela própria dinâmica produtiva e do mercado. O discutível para ser ponderado é se as divergências entre agentes econômicos da cadeia não irão comprometer o negócio, e por consequência, a riqueza gerada pelo suco brasileiro. As divergências não podem se tornar elementos autofágicos.

OPORTUNIDADES E AMEAÇAS

Neste momento, é importante o setor refletir e compreender o estágio atual da citricultura brasilei-

ra, suas vantagens comparativas e competitivas no mercado e partir, imediatamente, para um entendimento com base numa agenda comum envolvendo os atores econômicos do setor e o governo, tanto o estadual como o federal. Dialogar é preciso; estabelecer negociação "ganha-ganha", mais ainda.

O momento urge, e uma saída seria repensar nos mecanismos de formação de preços utilizados, principalmente entre o produtor e a indústria. A formação de um conselho entre representantes de produtores e da indústria, como o Consecana (Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e

Furacões na Flórida

13/08/2004 – Charley
05/09/2005 – France
16/09/2005 – Ivan
25/09/2005 – Jeanne
24/10/2005 – Wilma

Os preços do mercado

Ano	Laranja para processamento (*)	Bolsa de Nova York
2005 - a	R\$ 11,20/cx	US\$ 0,99 por libra peso
2006 (estimativa) - b	R\$ 17,00/cx	US\$ 1,25 por libra peso
Varição (b/a)%	51,8%	26%
(*) Fruta posta no portão da indústria – Fonte CEPEA		

Brasil: exportação de laranja

Exportação	Item	Brasil	São Paulo
Frutas processadas	Receita	US\$ 1,293 bilhão	US\$ 1,153 bilhão
	Participação	100%	89,2%
Suco de laranja	Receita	US\$ 1,168 bilhão	US\$ 1,119 bilhão
	Participação	100%	95,8%
Fonte CEPEA			

Álcool), pode ser uma alternativa. Um contrato padrão com regras mínimas e transparentes a toda a comunidade poderia não só melhorar o processo interno de formação de preços como reduzir a possibilidade de surgirem ações como a do Depto. de Comércio dos Estados Unidos, acusando as processadoras nacionais de *dumping*.

Diante de sua magnitude, é séria a preocupação com os efeitos alocativos e distributivos sócio-econômicos do setor, principalmente nos referentes:

- À captação de divisas, que passa de US\$ 1 bilhão anual;
- A mais de 300 mil empregos diretos e quase um milhão, se somados com os indiretos;



Ligue 0800 770 88 81
e assine a publicação
que melhor
acompanha o
AGRONEGÓCIO

- Com a geração de renda e valor bruto da produção, que no Estado de São Paulo só perde para a cana-de-açúcar e carne bovina;

- A representatividade no PIB de alguns municípios paulistas, que têm na laranja a base de sua economia;

- Ao fornecimento de uma fruta com propriedades saudáveis ao mercado interno, dispensando gastos com importações;

- Aos impactos no setor terciário da economia (comércio, transporte, serviços regionais etc.).

A situação traz à lembrança as aulas na disciplina de teoria geral de administração com a aplicação dos ensinamentos da estratégia chinesa, em que pregava "evitar a batalha com o adversário, intimidar psicologicamente o competidor e utilizar o tempo, em vez de usar a força para desgastá-lo, e estimular seus poderes".

No ambiente citrícola brasileiro, sabe-se sobejamente que os furacões que sopram por aqui são conduzidos por problemas fitossanitários e de relacionamento comportamental.

DOENÇA DIFÍCIL

No caso da fitossanidade, a morte súbita dos citros é uma doença de difícil controle, embora se reconheça os esforços dos pesquisadores nos laboratórios e campos experimentais do Centro de Citricultura, do Instituto Agrônomo de Campinas, em Cordeirópolis, no Fundecitrus, na Estação Experimental de Bebedouro, nas universidades etc. Os resultados dos trabalhos científicos nos colocaram na posição hegemônica mundial, nos casos de outras doenças, como o declínio, cancro cítrico, clorose variegada dos citros, greening etc.

Foi por meio da citricultura que o Brasil entrou na elite genômica mundial, com o Projeto Genoma financiado pela FAPESP e, em parte, também pela iniciativa privada, no mapeamento de uma bactéria (*Xylella fastidiosa*) ligada a uma doença (Clorose Variegada dos Citros), entrando, desta forma, o Brasil pela porta do reino vegetal, e não do humano ou do animal.

O controle e a cura da morte súbita dos citros são difíceis, mas há possibilidade de consegui-los por intermédio dos esforços paulatinos e gradativos de nossos pesquisadores. Então, que os tomadores de decisão da cadeia se reúnam e entendam, para estabelecer uma agenda comum de compartilhamento das vantagens comparativas e competitivas desta hegemonia mundial. ■

* Professor titular do Departamento de Economia, Administração e Sociologia, ESALQ/USP.
E-mail: emneves@esalq.usp.br.